

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA - ESEFID

Marcia Maceira de Oliveira

**O FUTEBOL DE VÁRZEA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA:
UM ESTUDO DE TEMAS E QUESTÕES RECORRENTES**

**Porto Alegre
2016**

Marcia Maceira de Oliveira

**O FUTEBOL DE VÁRZEA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA:
UM ESTUDO DE TEMAS E QUESTÕES RECORRENTES**

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw

**Porto Alegre
2016**

Marcia Maceira de Oliveira

**O FUTEBOL DE VÁRZEA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA:
UM ESTUDO DE TEMAS E QUESTÕES RECORRENTES**

Conceito final: _____

Aprovado em _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro Myskiw – UFRGS

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família, especialmente meus pais e meus irmãos, que sempre me apoiaram, mas também a toda a minha grande família, tias, tios e primos, pois são muito importantes na minha vida.

Aos meus amigos, por se fazerem sempre presentes, mesmo aqueles que estão mais longe.

Aos meus alunos, aos colegas de faculdade e de trabalho, aos professores, entre outras pessoas que participaram da minha graduação, me proporcionando momentos de troca que contribuíram de alguma forma para o meu crescimento profissional e, principalmente, pessoal.

A todos aqueles que fizeram parte desta caminhada em algum momento, de alguma forma.

RESUMO

O futebol de várzea no Brasil é tido como uma das principais manifestações esportivas de lazer da população, visto que é praticado desde grandes centros urbanos, como em cidades menores, ou ainda em zonas rurais; também é praticado por diversas gerações e classes sociais. Este trabalho se caracteriza como uma revisão bibliográfica que pretende investigar a produção acadêmica acerca dessa manifestação. Através da exploração de artigos publicados em periódicos científicos, busca apreender questões que se mostraram presentes nesses trabalhos e realizar uma análise interpretativa sobre o tema. Foi possível verificar que, entre os assuntos abordados por estes trabalhos, os que mais se destacaram foram as questões de identidade, de organização, de violência, de gênero e de sociabilidade.

Palavras-chave: futebol de várzea; lazer; sociabilidade.

ABSTRACT

Várzea football in Brazil is considered one of the main leisure sporting events of the population, it is practiced from large urban centers, as in smaller cities, or even in rural areas; it is also practiced by various generations and social classes. This work is characterized as a bibliographical review that intends to investigate the academic production about this manifestation. Through the exploration of articles published in scientific journals, it seeks to apprehend questions that have been present in these works and to perform an interpretative analysis on the subject. It was possible to verify that, among the subjects approached by these works, those that stood out most were the issues of identity, organization, violence, gender and sociability.

Keywords: várzea football; leisure; sociability.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
3	QUESTÕES SOBRE O FUTEBOL DE ‘A VÁRZEA’	16
3.1	A QUESTÃO DAS IDENTIDADES	16
3.2	ORGANIZAÇÃO	18
3.2.1	Campeonatos e ligas	19
3.2.2	Times, equipes e grupos de futebol	21
3.3	VIOLÊNCIA	24
3.4	GÊNERO	28
3.5	LAZER E SOCIABILIDADE.....	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O futebol é tido como uma das principais, se não a principal, atividade esportiva de lazer da população brasileira. Todavia, esta prática não se destaca apenas como uma atividade de lazer, pois ela também é considerada como um elemento da cultura do nosso país, visto que tem grande representatividade no cotidiano e no imaginário da população. No Brasil, o futebol mobiliza grande parte da população, pois ele está em toda parte, em conversas diárias, nas ruas, no trabalho, na escola ou no ambiente de lazer. Desse modo, diversos vínculos são criados tendo este esporte como pano de fundo.

Esse fenômeno atinge inúmeras dimensões socioculturais, não somente na sua vertente profissionalizada, onde ocupa espaços fechados, com forte movimentação econômica e midiática, mas também faz parte do cotidiano e dos estilos de vida de indivíduos e de grupos. Entre as outras dimensões que essa prática atinge podemos salientar as atividades de lazer, onde, geralmente, ocorre intensa apropriação de espaços públicos para a prática informal deste esporte.

A produção científica na educação física, mas precisamente estudos sobre esporte, têm se voltado a estudar esses fenômenos a partir de um olhar mais externo, ou seja, narrando fatos, enumerando estatísticas e reunindo dados. Quando nos voltamos para o futebol, é visível um direcionamento para futebol de alto rendimento, minimizando os estudos sobre as outras vertentes existentes nessa prática. Segundo Spaggiari (2008), as pesquisas recentes que enfocaram a prática futebolística, tanto em ambientes urbanos como em não urbanos, propõem uma retomada crítica da produção anterior sobre este fenômeno, procuram assim, estudar o fenômeno de forma mais interna, abordando as ações cotidianas dos praticantes, observando também o que acontece fora do campo e o significado dado a isso, assim sendo, é possível observar a forma como o esporte se insere no modo de vida desses sujeitos.

Desde que o futebol começou ser estudado com base em referências teóricas e modos de produção de conhecimentos vinculados às ciências sociais e humanas, a produção científica sobre esta prática se mostrou voltada a investigar a sua vertente profissionalizada, ou como define Damo (2007), a matriz espetacularizada.

Este autor problematiza a importância demasiada dada ao segmento profissional do futebol em detrimento da diversidade do fato social, observando que apenas essa interpretação se mostra insuficiente para o avanço da análise sociocultural desta prática. Ao questionar a configuração futebolística que se dá entre o amadorismo e o profissionalismo, o autor afirma que há uma diversidade configuracional no futebol para além dessa classificação e apresenta as práticas futebolísticas segmentadas em quatro matrizes: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar.

A matriz espetacularizada, também chamada de profissional, se caracteriza, principalmente, pela forma como se organiza. Essa organização se dá através da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e de suas afiliadas (confederações e federações nacionais e estaduais), onde essas instituições organizam os eventos esportivos, estabelecem as regras e controlam a circulação dos atletas e do comércio de imagens. Essa matriz também se caracteriza pela intensa divisão social do trabalho dentro e fora de campo, pois, além da distinção entre quem pratica e quem assiste, o autor mostra que esta matriz ainda pode ser caracterizada em outras especialidades, como: os profissionais, que são todos aqueles que interferem diretamente no jogo (jogadores, técnicos, juizes, fisiologistas, preparadores físicos, etc.) ou que viabilizam a competição (dirigentes); os especialistas, que são aqueles que procuram narrar o processo ritualístico em evento jornalístico, fazendo uma narrativa linear e universal; os torcedores e os dirigentes, que são aqueles que detêm o controle político e econômico deste futebol.

A matriz bricolada, explica Damo (2007), é o futebol no estilo 'pelada', não é controlado por nenhum tipo de entidade e admite as mais diversas possibilidades de adaptações em relação às normas institucionalizadas nessa prática. Nessa configuração as adaptações são ilimitadas e vão desde mudanças no tempo de jogo, passando pelo número de jogadores, dimensões do campo, arbitragem, etc. Portanto, nesse modelo, joga-se com o que se dispõe ou então se adapta regras e outros itens. Também é possível afirmar que o futebol de bricolagem, de modo geral, é praticado no tempo de lazer dos seus praticantes.

A matriz comunitária, para o mesmo autor, se caracteriza por ser um modelo intermediário entre a espetacularizada e bricolada. Geralmente, é vinculada ao tempo de lazer de seus praticantes e se mostra mais padronizada que o modelo

bricolado, porém não atinge os padrões administrativos e financeiros da matriz espetacularizada, apesar de ser dotada de um sistema organizado e complexo. O autor refere que talvez o que melhor caracterize este futebol intermediário é o chamado futebol de várzea, pois tem a presença de quase todos os componentes do futebol profissional, entretanto em menor escala. A aproximação entre essa matriz e a espetacularizada se dá através da sua forma de organização e da divisão social do trabalho, quanto à organização, esse modelo tende a se estruturar na forma de associações e ligas, todavia essas raramente excedem um bairro, vila ou cidade. Quanto à divisão social do trabalho, percebe-se a existência de técnicos, massagistas, dirigentes, etc., entretanto, geralmente, esses não têm remuneração por atuação em tais cargos.

Por último, saliento a matriz escolar é aquele futebol que é praticado nas escolas, integrado aos conteúdos das aulas de educação física, como parte das disciplinas legalmente constituídas. Vale ressaltar que talvez o futebol praticado nos momentos do recreio se encaixe melhor à matriz bricolada, pois o pátio representa um espaço menos institucionalizado.

Entre os contextos que esse esporte ocorre, um deles é a várzea, a qual será destacada neste trabalho. O futebol denominado como de várzea é uma das mais importantes manifestações de lazer da população brasileira. A prática do futebol nesse sentido (que não mais está tão somente vinculado às várzeas dos rios) é, talvez, a forma mais popular deste jogo, pois é praticada desde grandes centros urbanos, onde pode ocupar desde parques e praças públicos até mesmo espaços privados; em cidades menores ou ainda em zonas rurais. Também se mostra uma prática democrática, pois é desempenhada por diversas faixas etárias e distintas classes sociais. Este 'tipo' de vivência do futebol, em princípio, parece evidenciar um forte vínculo com a matriz comunitária denominada por Damo (2007), pois tem um caráter intermediário entre o futebol espetacularizado e o futebol de bricolagem. Nesse sentido, seria possível afirmar que tal qual o modelo comunitário, o futebol de várzea tem quase todos os elementos do futebol espetáculo, porém em menor escala, segue regras previamente instituídas, contudo não desconsidera as relações cotidianas e comunitárias que envolvem os seus praticantes. Mas será isso mesmo? Seria possível encontrar elementos de espetacularização/profissionalismo na

várzea? O futebol descrito como de várzea pode ser bricolagem? A várzea é um futebol intermediário?

Mediante o exposto, este trabalho visa investigar a produção científica sobre o futebol de várzea no Brasil, com o intuito de verificar quais questões foram abordadas pelos autores e quais os direcionamentos dos estudos dessa área. Entre as questões norteadoras para a produção deste trabalho estão: a) Identificar quais são os trabalhos que tratam da várzea em periódicos; b) Reconhecer os objetivos e lugares que estes trabalhos estudam; c) Investigar quais são as questões debatidas nos trabalhos acadêmicos; d) Entender como esses trabalhos e as questões abordadas possibilitam compreender a várzea.

Visto que o futebol de várzea vem sendo estudado há bastante tempo, foi percebida a escassez de pesquisas bibliográficas sobre este tema. Esta investigação tem a finalidade de compilar o conteúdo bibliográfico e identificar quais as temáticas estudadas sobre este assunto, trazendo novos questionamentos para o meio acadêmico. Este trabalho se justifica, pois ao sistematizar esses conteúdos, é possível traçar um direcionamento da produção científica, suscitando assim possíveis apontamentos para futuras produções.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se caracteriza como uma revisão bibliográfica que pretende identificar os estudos publicados acerca do futebol de várzea no Brasil e apontar as questões que se mostraram presentes nessas pesquisas, realizando uma análise compreensiva sobre o tema abordado.

A pesquisa bibliográfica, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 183), trata do levantamento, seleção e documentação da bibliografia já publicada sobre o assunto pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo. Em consonância, Gil (2002, p. 44), afirma que este tipo de pesquisa é desenvolvido com base no material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos. Este autor ainda refere, que a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é que esta permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Para realização desta investigação foi efetuada uma busca por artigos científicos nas seguintes páginas eletrônicas: Ponto Urbe¹, Ludopédio² e Google Acadêmico³. Foram utilizados os termos de busca “Futebol de Várzea” e “Várzea”. Foram incluídos apenas artigos científicos publicados em periódicos, sem delimitação de recorte cronológico. Este modelo de publicação foi escolhido pra realização desta pesquisa, pois é o tipo de publicação que tem maior visibilidade, tanto no campo acadêmico quanto no campo profissional. Estas publicações, quando comparadas com teses e dissertações, tem maior popularidade no meio acadêmico, proporcionando uma maior circulação do conhecimento científico.

Todo o processo de leitura e interpretação dos dados foi efetuado norteado pelo problema de pesquisa, o qual se propõe a investigar os assuntos com maior destaque na produção acadêmica sobre o futebol de várzea, com o intuito de obter um entendimento que é emergente da produção acadêmica. Para tal, foi feita a leitura analítica dos estudos, buscando identificar as questões que emergiam nesses

¹ <http://pontourbe.revues.org/>

² <http://www.ludopedio.com.br/>

³ <https://scholar.google.com.br/>

e se destacavam; questões que se repetiam nos variados estudos ou que trouxessem informações pertinentes ao campo de estudos do lazer.

Após esse processo foi feito o fichamento dos materiais, com a finalidade de identificar as obras, registrar o seu conteúdo e compreender as questões abordadas nos estudos, os quais estão brevemente caracterizados no quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Caracterização dos estudos investigados

AUTORIA	METODOLOGIA	GRUPOS/LOCAL	OBJETIVO
Chiquetto, 2014	Etnografia	População Indígena da região de Manaus	Descrever a prática do futebol no contexto de um torneio amador, restrito a pessoas que se autodeclaravam indígenas. Observar a ocupação indígena no meio urbano e expor estratégias que, por meio do futebol, os indígenas habitantes da capital desenvolvem para colocar-se em relação aos agentes da cidade.
Jesus, 2002	Pesquisa documental	Lugar / São Paulo	Analisar o processo de popularização do futebol em São Paulo, verificando até que ponto este reflete características do lugar que o abriga. Demonstrou como esta cidade se antecipou às demais no Brasil na adoção da prática do futebol, tanto na sua vertente elitista quanto no seu aspecto popular.
Magnani, 1996	Etnografia	Lugar / São Paulo	Registrar e refletir sobre o processo de tombamento, pelo patrimônio histórico, de um parque na cidade de São Paulo, local onde ocorrem atividades de lazer, principalmente o futebol de várzea.
Myskiw, 2015	Etnografia	Circuito de Lazer em Porto Alegre	Questionar a noção de 'time' na perspectiva de um 'circuito de lazer'. Através de um estranhamento em torno dos 'times de camisa', analisou invenções sociais que não denotam a tradição dos 'clubes esportivos', mas que se materializam 'nos times' e conferem sentido ao pertencimento e à circulação dos jogadores.
Myskiw; Neto; Stigger, 2015	Etnografia	Circuito de Lazer em Porto Alegre	Compreender os procedimentos de constituição das noções de violência na esfera do futebol de várzea enquanto lazer. Utilizou a teoria elisiana em relação à violência e à busca da excitação agradável nas práticas miméticas do esporte para debater o assunto.

Myskiw; Stigger, 2014 (Identidades)	Etnografia	Circuito de Lazer em Porto Alegre	Abordar do lazer como lugar de constituição de identidades. Baseado nas experiências e práticas etnográficas desenvolvidas em relação aos 'campos das vilas', entendendo que esses campos não eram apenas espaços esportivos e que configuravam um circuito de lazer.
Myskiw; Stigger, 2014 (Organização)	Etnografia	Circuito de Lazer em Porto Alegre	Analisar 'a organização varzeana' enquanto uma construção que deve ser compreendida a partir dos universos de significados a que ela pertence. Estudou os significados atribuídos ao futebol, como também a compreensão da expressão várzea.
Oliveira, 2013	Etnografia	Campeonato de Futebol Amador em Curitiba	Estudar as relações comunitárias e de reciprocidade, as pequenas redes sociais e econômicas em um campeonato de futebol amador. Observou também as relações deste campeonato com o universo do profissionalismo e com universos ainda mais informais, como o "futebol de várzea".
Pimenta, 2013	Etnografia	Circuito de Lazer da cidade de Sobral - CE	Investigar o futebol amador praticado na zona rural, mostrando discursos e histórias de times da região. Destacou a organização dos times; as tensões; o campeonato "Copa Integração de Sobral"; a rivalidade local; os regulamentos e o envolvimento das famílias e das comunidades.
Rigo, 2010	Etnografia	Dois Campeonatos de Futebol de Várzea em Pelotas-RS	Descrever e analisar o futebol de várzea nos anos de 2006 e 2007. Por meio de observações, entrevistas semiestruturadas e da análise de documentos, realizou um estudo detalhado dos Campeonatos Praiano e Cidadino.
Santos, 2006	Ensaio	Lazer Esportivo Urbano	Explorar a várzea, enquanto expressão de lazer esportivo na cidade, questionando o censo comum, quando diz que o futebol de várzea está desaparecendo de acordo com a diminuição dos campos e espaços para o futebol de várzea.
Schifnagel, 1978	-----	Lugar / São Paulo	Fazer uma caracterização geral do futebol de várzea como atividade de lazer na cidade de São Paulo, procurou debater e revisar o censo comum, que afirmava o desaparecimento dos times de várzea na mesma proporção em que os locais próprios para tal eram substituídos por áreas de indústrias, comércio, etc.

Spaggiari, 2008	Etnografia	Circuito de Lazer no Interior de São Paulo	Investigar os possíveis entrelaçamentos entre as formas associativas e de sociabilidade em torno das práticas futebolísticas de uma equipe amadora e o universo comunitário de um bairro rural no interior de SP.
Stigger, 1997	Etnografia	Grupos de Lazer em Porto Alegre	Estudar dois grupos de veteranos de futebol em POA, analisando comparativamente as práticas dos grupos, buscando tecer reflexões com o intuito de interpretar o esporte como um elemento da cultura, inserido no cotidiano da cidade e no modo de vida da população urbana.

Fonte: elaboração da autora

Para análise e interpretação dos dados, obtidos com a leitura e registrados nos fichamentos, foi feita a interpretação de todo o conteúdo estudado, para assim destacar as considerações mais importantes sobre as questões que apareceram previamente, buscando estabelecer relações entre as informações obtidas e analisar a consistência das informações. Em seguida, partindo para a fase de redação deste estudo, segundo as normas da ABNT.

3 QUESTÕES SOBRE O FUTEBOL DE 'A VÁRZEA'

3.1 A questão das identidades

Nesta seção apresento alguns aspectos dos trabalhos que tratam da questão das identidades, considerando essas como um conjunto de particularidades e peculiaridades, que é constituído a partir de determinados significados que são construídos social e culturalmente. Estes trabalhos mostram o fator identitário no sentido de que são traços que caracterizam um indivíduo ou uma comunidade perante os demais, abrangendo comunidades indígenas, comunidades rurais, centros urbanos, e também como características que compõe a identidade da várzea. Os trabalhos que mencionaram essa questão foram Chiquetto (2014), Jesus (2002), Myskiw e Stigger (2014), Oliveira (2013) e Stigger (1997).

Em seu estudo de 2014, Chiquetto, ao estudar a identidade indígena no contexto de um campeonato de futebol de várzea, verificou que os indígenas tinham um estilo próprio de jogar. Relata que os jogos eram sempre muito competitivos, porém que o modo de jogar era diferente do modo que os brancos jogam; o branco, a princípio, jogaria melhor o futebol, mas também seria mais violento, fazendo faltas, reclamando e brigando. Já os indígenas, seriam considerados menos violentos, pois encarariam o futebol mais como uma 'brincadeira', esses, por sua vez, não seriam tão habilidosos, mas jogariam sempre com muita garra, e se vangloriando por ter a velocidade como uma habilidade diferencial. Como este campeonato era restrito a participantes indígenas, a organização vinha demonstrando preocupações quanto à participação de brancos dentro dos times, os chamados 'boleiros', pois estes trariam o caráter de profissionalização e a violência, deixando de lado o espírito da 'brincadeira', desse modo, os organizadores temiam que o campeonato perdesse aquilo que denominavam de sua essência.

Já Jesus, em 2002, apresentou a investigação sobre o futebol como elemento da cultura brasileira, mas principalmente sobre a difusão desse esporte enquanto prática popular de entretenimento na cidade de São Paulo. O autor discorre que essa prática, não apenas na sua vertente 'oficial', mas principalmente no seu aspecto popularizado, teve rápida disseminação nessa cidade, sobretudo afirmando que ela tem grande relevância na formação de elementos culturais da classe

operária paulistana, visto que os campos de várzea rapidamente se espalharam pelos bairros operários da cidade. Afirma também que o grande número de imigrantes e operários lá existentes, contribuiu significativamente para esta popularização.

Oliveira, em seu estudo de 2013, descreve um campeonato de futebol amador que tem peculiaridades que o fazem transitar entre o futebol profissional e o futebol de várzea. Sua interdependência com o universo do profissionalismo é marcada por aparecer como 'mercado de reserva' para o futebol espetacularizado, por outro lado, em seu caráter 'varzeano', podem-se observar os aspectos comunitários muito evidenciados, sendo marcado como um espaço para as relações pessoais, pelas ideias de grupo, comunidade e bairro. Esse campeonato flutua entres esses dois universos, com fortes influencias do profissionalismo, mas é necessário que se leve em conta as relações comunitárias nele envolvidas, adquirindo assim, um caráter próprio.

Sobre as identidades varzeanas em um circuito de lazer urbano, Myskiw e Stigger (2014) expressam a existência uma configuração particular que incide sobre os modos de jogar e de se comportar dentro e fora dos campos. Mostram que esse lugar serve como ponto de encontro das comunidades, o que se sobrepõe à ideia de que eram apenas universos esportivos, eles são ocupados, simultaneamente, pelas questões do futebol e também pelas questões da comunidade - como as relações de amizade, relações familiares, de trabalho, questões de gênero, etc. - que mostram ter suma importância nos campos de várzea. Outra característica própria deste tipo de circuito que os autores apontam, é a capacidade de atuar como um espaço de intermediação, onde podem conviver, simultaneamente, questões como ludicidade-seriedade, disciplina-violência, lazer-trabalho. Os autores também colocam que este 'lugar' não apenas é capaz de constituir uma identidade própria, mas, muitas vezes empresta algumas de suas especificidades à identificação daqueles sujeitos que experimentam e convivem nesses lugares.

Stigger, em seu estudo publicado em 1997, observou o futebol de várzea em dois grupos distintos de veteranos. O autor descreve as características dos dois grupos de futebol, que, ao primeiro olhar, eram muito semelhantes, pois têm o mesmo objetivo - jogar futebol por lazer - e têm o mesmo 'rótulo' - o de veteranos do

futebol -, mas olhando mais profundamente mostravam formas distintas de lidar quanto a alguns aspectos. O autor destaca semelhanças e diferenças entre os grupos, dando importância significativa para as diferenças, as quais conferem particularidades a cada grupo. Ressalta, o modo como cada um segue as regras do jogo, a importância do desempenho técnico em cada um deles, o modo como lidam com as responsabilidades, as relações de pertencimento, entre outros. Todos esses aspectos estão ligados aos significados que estes grupos deram à prática desse esporte, evidenciando-se aí diferenças significativas, as quais conferem a identidade de cada grupo.

Assim sendo, pude verificar que a questão da identidade surgiu em alguns estudos, porém, quando relacionada ao futebol de várzea, se manifesta de diferentes formas. Entre os sentidos que se apresentaram posso citar a identidade de uma população, neste caso a indígena, que se manifesta no modo que os indígenas jogam o futebol; a identidade cultural, principalmente a identidade cultural brasileira, que se mostrou intimamente ligada com a prática futebol de várzea; a identidade de grupo, que confere particularidades a cada grupo perante os demais, mesmo que estes venham de uma prática em comum, como o futebol. Apresentou-se também a identidade diante das particularidades de um circuito de lazer, nesses locais as questões da comunidade se mostraram muito presentes, surgindo no mesmo patamar que os temas do universo esportivo. Também pude entender a importância desses circuitos na constituição da identidade dos sujeitos que o frequentam, podendo assim, transmitir as suas especificidades a aqueles que lá estão.

3.2 Organização

Nesta seção mostro os elementos sobre organização que surgiram durante a leitura dos trabalhos. No sentido de explorar o tamanho dos campeonatos e ligas estudados, o número de pessoas que esta atividade envolve, o tempo de duração, os órgãos envolvidos, formas organizacionais dentro das próprias ligas, entre outros fatores. Também observo as formas de organização dos times e grupos de futebol, mostrando suas peculiaridades. Os estudos que trouxeram estas questões foram

Chiquetto (2014) Myskiw (2015), Myskiw e Stigger (2014), Oliveira (2013), Pimenta (2013), Rigo *ET al.* (2010), Spaggiari (2008) e Stigger (2007).

3.2.1 *Campeonatos e ligas*

O estudo de Chiquetto (2014), que estudou um campeonato chamado Peladão Indígena, o qual ocorre na cidade de Manaus anualmente desde o ano de 2005 e é restrito a participantes indígenas. Este campeonato é composto pelas categorias feminina e masculina e é parte de um campeonato maior o qual se chama “Peladão”. O campeonato tem a duração de três meses e as partidas são disputadas aos domingos de 9h às 16h. A partir de 2009 começou a ser dada uma premiação de mil reais para os(as) vencedores(as) e quinhentos reais para os(as) vices.

Já Myskiw, em seu estudo publicado em 2015, estudou o municipal de várzea de Porto Alegre, que é uma grande competição organizada em duas fases. A primeira envolvia campeonatos promovidos por Ligas de Futebol da cidade de Porto Alegre e a segunda se materializava num campeonato coordenado pela Gerência de Futebol da Secretaria Municipal de Esportes, a partir dos times classificados na primeira fase. Durante os três anos que o investigou, o autor chegou a registrar uma movimentação de 26 Ligas e 315 times, registrando a circulação entre um número superior de 50 campos de futebol, a maioria deles sob a responsabilidade do poder público Municipal, mas outros tantos de associações esportivas, comunitárias ou mesmo de propriedade privada. O autor detalhou também uma dessas ligas regionais, pois no período da pesquisa, era uma das que mais agregava times e jogadores nas suas competições, mais de 40 times e de 800 jogadores em dois anos.

Quanto a organizações internas dessas mesmas ligas, Myskiw e Stigger (2014) puderam observar que existem dois modelos diferentes de organização, os quais denominaram de “mais próximo do profissional” e “aqui é a várzea”. A primeira categoria não é uma reprodução do circuito profissional, mas tem uma organização que procura seguir o que está nas regras, no regulamento geral e tem um controle de punições; esse modelo trata de distanciar as pressões externas e outros acontecimentos que não são considerados do jogo, como indisciplina, confusões e violência, criando um lugar particular, com normas e valores específicos que

deveriam ser seguidos, caso contrário a pena era de exclusão. O segundo modelo sobrepõe as circunstâncias extra jogo sobre as regras, onde era possível fazer alguns acertos relativos ao andamento dos campeonatos e à participação dos times, mesmo que estes acertos estivessem em desacordo com as regras do campeonato. Esses acertos, que, em outros lugares, poderiam ser considerados inapropriados, tornam-se fundamentais para a sustentação do circuito futebolístico.

Em 2013, Oliveira publicou o estudo sobre o Campeonato Metropolitano de Futebol Amador de Curitiba, também chamado de suburbana, que é disputado desde 1941. Desde sua criação, o campeonato teve diferentes fórmulas de disputa e um número variável de participantes, divididos em duas séries – A e B, no ano estudado, foram 26 equipes que disputaram as duas séries da Suburbana. O campeonato tem início quando os clubes se reúnem para definir as regras, o sistema de pontuação, a fórmula de disputa do campeonato, o agendamento das partidas e de festas de premiação ao final do campeonato. Este campeonato também conta com premiação para os melhores jogadores, treinadores e juízes.

Pimenta (2013) estudou a Copa Integração (CI), que acontece nos distritos rurais da cidade de Sobral-CE. Essa copa é uma iniciativa individual, conduzida por dois jovens da cidade, os dois organizam o campeonato, elaboram um “pré-regulamento”, redigem os convites e os distribuem entre os representantes dos times e nas rádios locais, buscam financiamento para pagar premiação e gastos com arbitragem, etc. e, um deles também acumula a função de árbitro. A CI não é uma atividade que faz parte de algum programa social voltado para o esporte e lazer, mas uma iniciativa localizada e individual. Os organizadores arrecadam recursos para a sua realização em quatro fontes distintas: prefeitura municipal, iniciativa privada, times de futebol amador e através de uma relação clientelista com um membro do legislativo municipal. A participação do poder público municipal restringe-se apenas ao financiamento da atividade, não interferindo na organização da CI, nem tampouco buscando integrá-la a uma política pública.

Rigo *et al.* (2010), estudou dois campeonatos na cidade de Pelotas. O cidadão, o qual dura sete meses, no qual os times que participam devem ser filiados à Liga Pelotense de Futebol Amador (LPFA). Nas edições investigadas, o campeonato teve cerca de 1.200 jogadores inscritos, sendo divididos em 6

categorias - 1º e 2º Quadro, Veteranos (acima de 35 anos), Juvenil, Infanto-juvenil e Mirim. Os jogos acontecem sábado à tarde, e domingo todo o dia. Este tem duas fases bem distintas, na primeira as equipes são agrupadas em chaves de acordo com localização e jogam entre si com jogos de ida e volta, os jogos ocorrem em campos abertos, esburacados, sem marcações, sem vestiários e a arbitragem é feita somente pelo árbitro principal. A partir da fase semifinal, os jogos passam a ocorrer em um único campo fechado, envolvendo uma organização um pouco maior. A arbitragem é feita pelo árbitro principal e por dois assistentes. Parte significativa da imprensa esportiva da cidade cobre o evento, começa a haver a cobrança de ingressos.

Estes mesmos autores, neste mesmo trabalho, também estudaram o campeonato praiano, que ocorre no Balneário dos Prazeres, na praia do Laranjal, durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. O Campeonato Praiano de 2006/2007 teve cerca de 750 jogadores inscritos, divididos em 3 categorias - Titulares, Sênior I (acima de 35 anos) e de Sênior II (com mais de 45 anos). Todos os jogos ocorrem em um único campo aberto, de grama, que fica numa Praça. As partidas ocorrem aos sábados, domingos e feriados, de manhã e à tarde. Nesta competição o número de equipes participantes foi limitado pela LPFA devido ao curto período de realização, ficando determinado um número máximo de dezesseis equipes que poderiam inscrever-se em cada uma das categorias.

3.2.2 Times, equipes e grupos de futebol

Os times, equipes e grupos de lazer também mostraram ter formas de organização próprias. Quanto à organização interna de times, Pimenta (2013) relata nos times do interior Cearense os dirigentes se dedicam bastante, na maioria das vezes arcam com os custos, e algumas vezes recebem ajuda financeira, principalmente de membros da família. Em um desses times, por exemplo, a única pessoa com salário fixo da família do dirigente assegurava os gastos maiores, como transporte para jogar o campeonato, por exemplo. Fazem esforços para participarem, pois é a participação em torneios e campeonatos que dão vida aos times. Ainda sobre esses times, Pimenta (2013), afirma que muitos deles possuem CNPJ, estatutos, divisão de time em duas equipes, 1º quadro e 2º quadro e diretoria,

o que torna possível afirmar que o futebol amador, naquele lugar, se organiza referenciado pelo profissional. Além disso, muitos dirigentes formam ligas amadoras, como é o caso da LDA (Liga Desportiva de Aracatiaçu).

Em seu trabalho de 2008, Spaggiari discorre sobre uma equipe de futebol no interior de São Paulo, a qual participa de jogos em campeonatos ou em amistosos com times da região. A equipe foi fundada em 1919, por causa de alguns períodos de desorganização, acabou mudando de nome algumas vezes, mas nunca se extinguindo. Esta equipe é dividida em time A e time B; a equipe A é formada pelos melhores jogadores do bairro, enquanto que a equipe B é formada pelos jogadores mais experientes e também por adolescentes. Quanto aos seus jogos, eles acontecem sempre aos domingos de tarde. O seu campo de futebol tem dimensões menores que um campo de futebol profissional. O campo é de grama, com pontos mais “carecas” e marcado com cal. Não há jogos de noite, pois não há iluminação no campo do Baú.

Stigger (2007) disserta sobre o futebol de várzea em grupos de veteranos que utilizam espaços públicos de Porto Alegre para jogar futebol. O autor discorre sobre dois grupos, verificando suas diferenças e semelhanças e constatou que entre os participantes pode haver desde jovens de 18 até homens de 65, prevalecendo uma faixa etária em torno dos 35 anos. O primeiro grupo existe há 35 anos e é composto por, em torno de, 17 participantes, seus encontros são aos sábados pela manhã, quando eles recebem seus adversários para disputar partidas de futebol. O futebol tem moldes oficiais: campo com medidas; partidas com tempo oficial; entre duas equipes de 11 jogadores; utilizando uniformes; com equipamento esportivo específico; com arbitragem neutra; e obedecendo às regras institucionalizadas. Já o outro grupo, existe há aproximadamente 15 anos, no dia de maior movimentação tem em torno de 40 integrantes. Eles ocupam o espaço aos sábados e domingos pela manhã e às quartas-feiras após as 16h. Praticam ‘futebol-pelada’, com características diferenciadas das do futebol oficial: as partidas têm dois tempos de 30min; equipes com sete jogadores; campo de dimensões menores; as regras são adaptadas a sua realidade/interesses; sem utilização de uniformes; e sem equipamentos específicos para a prática.

Desse modo, pode notar que há uma diversidade de organizações no futebol de várzea, tanto quando falamos de campeonatos e ligas, quanto às organizações internas de times, equipes e até mesmo em grupos que se reúnem regularmente para praticá-lo. Quando falamos no número de times e jogadores que se mobilizam para a prática, nota-se que os campeonatos envolvem um número elevado de pessoas, tendo estudos que registraram até 1200 jogadores em apenas uma edição, mas divididos em categorias. Quanto ao período de duração destes campeonatos, nota-se que existem alguns com longa duração, que se prolongam por até 9 meses consecutivos, enquanto existem outros de curta duração, que podem durar apenas 2 meses. Do mesmo modo, se revelaram questões sobre os locais onde este esporte é praticado, podendo ser locais de propriedade particular, praças e parques públicos, campos de clubes e ainda campos de associações esportivas ou associações comunitárias. Dentre estes locais apresentaram-se alguns com infraestrutura mais precária, como campo faltando partes de grama ou campos sem arquibancada, enquanto outros tinham uma infraestrutura melhor. Ainda neste tema, figuraram estudos em que um mesmo campeonato tinha infraestruturas diferentes durante as suas fases, nos fases finais os jogos se realizavam em um campo com melhores condições.

Outra esfera que também se mostrou variada foi a divisão por categorias, podendo ocorrer a divisão por idades, em categorias como veteranos, juvenil, infanto-juvenil e mirim; por gênero, separado entre masculino e feminino; e, muitas vezes, ocorre de uma mesma categoria ser subdividida. Geralmente a categoria de adultos é desmembrada em uma categoria principal e uma secundária, como exemplos, é possível citar as competições que tem 1º e 2º quadro ou a divisão em time A e time B dentro de uma mesma equipe ou clube. Esta divisão em 1º e 2º quadro já revela que existem campeonatos e times/grupos que se desenvolvem mais vinculados ao futebol nos moldes profissionais, além deste fator, outros fatores mostraram seguir o molde profissional, como o tamanho do campo, a infraestrutura oferecida, as regras, o número de jogadores em campo, o uso equipamentos esportivos, o tipo de arbitragem, etc. Por outro lado, outros campeonatos e times denotaram ser mais voltados para o futebol de várzea, o futebol comunitário ou futebol-pelada, como denominado por um dos autores estudados. Estes usavam campos menores que o oficial, jogavam com menos pessoas em campo, sem

uniformes, também faziam adaptações às regras. Essa maleabilidade das regras, por vezes, tinha influência de questões que não eram necessariamente do jogo de futebol, como questões específicas das comunidades. Essa divisão entre moldes profissionais e moldes de futebol-pelada também aparece quando se volta para grupos específicos, onde dois grupos com características externas parecidas, quando olhados a fundo, acabam por jogar o futebol de modos diferentes, um mostrou-se mais vinculado ao profissionalismo e o outro com características mais voltadas para a bricolagem.

Por fim, devo citar sobre as pessoas e grupos que organizam estes campeonatos. Apresentaram-se campeonatos nos quais a organização era feita por pessoas físicas, que acumulavam diversas funções, entre as quais arrecadar recursos para realização do campeonato. Nesse caso o poder público entra apenas com um financiamento para atividade, não interferindo na organização, nem tampouco buscando integrá-la a uma política pública social. Similarmente, associações e ligas de futebol promovem campeonatos de futebol em suas devidas localidades. Por outro lado, em outros campeonatos, como no Municipal de várzea de Porto Alegre, a Secretaria Municipal de esportes participa da organização, junto com as ligas de futebol da cidade. Portanto, podemos afirmar que a organização do futebol de várzea no Brasil mostrou ter uma vastidão de configurações.

3.3 Violência

Nesta seção discorrerei sobre as manifestações de violência no futebol de várzea, mostrando as formas as quais foram citadas nos estudos e fazendo uma análise do tema no contexto futebol de várzea. Os trabalhos que citaram este tema foram Chiquetto (2014), Myskiw *et al.* (2015), Oliveira (2013), Pimenta (2013), Rigo *et al.* (2010), Schifnagel (1978), Spaggiari (2008) e Stigger (1997).

Sobre as manifestações da violência no futebol da comunidade indígena, Chiquetto (2014), demonstrou, através de uma passagem dita pelo líder local, que o futebol como um todo, era considerado violento, “pois trazia a raiva e a briga” (pg. 3). Outro ponto importante, quanto à violência, que o autor percebeu, era a presença do homem branco, o qual, a princípio, jogaria melhor o futebol, mas também seria mais violento, jogaria ‘duro’, fazendo faltas, reclamando, brigando, por trazer consigo este

espírito competitivo que seria próprio do branco. Além disso, esses jogadores também teriam o costume de levar bebidas alcoólicas ao campo e, quando bêbado, tornar-se-ia mais agressivo ainda. Diferentemente do indígena, que seria considerado menos violento, pois encararia o futebol mais como uma 'brincadeira'. Dessa maneira, o autor ressaltou que existem diferentes formas de jogar futebol, com mais ou com menos violência.

Myskiw *et al.* (2015) estudaram as violências ligadas à prática de futebol como forma de lazer em Porto Alegre. Afirmam que a discussão em torno da violência está vinculada às relações de poder que perpassam as configurações sociais. Dizem que no lazer, há uma transposição das sensações para uma esfera que impõe menos limites, na qual é possível experimentar as emoções da violência numa tonalidade diferente, isto é, tensões com sentidos positivos e agradáveis. O trabalho pontua algumas 'formas de jogar', situando o leitor sobre os distintos equilíbrios, as implicações sobre as etiquetas corporais e a compreensão da violência, mostrando assim as construções culturais das diferentes noções de violência. Afirmam que existem várias configurações de jogo, como uma mais amistosa ou outra com o jogo mais 'pegado' e que em cada uma delas eram experimentados diferentes tipos de violência. Enquanto numa delas era possível chegar mais violento no adversário sem ser punido, pois isto figurava como normal; na outra configuração a mesma entrada seria dada como uma jogada irregular que resultaria em punições. A violência também servia, em algumas configurações, para os jogadores demonstrarem o seu poder em campo, para ganharem respeito, onde usar a 'maldade' era aceito para fazer com que os adversários os respeitassem. Os autores dizem que é necessário efetuar uma análise configuracional visando entender o modo como se vivencia a violência nesses ambientes de lazer, entre a tensão-excitação agradável e a atitude séria.

Oliveira (2013) investigou um campeonato de futebol amador na cidade de Curitiba que tinha fortes traços ligados com o futebol profissional, mas que também era regida por códigos comunitários, os quais lhes atribuíam fama de violenta. O caráter comunitário da Suburbana pode ser observado dentro de campo, onde impera uma ética baseada na reciprocidade, a partir da qual o que é dado tem que ser devolvido, por exemplo, um lance violento será revidado e assim por diante. Esta

violência está ligada a tensão que se observa durante as partidas, as quais chamam a atenção pelos bate-bocas e discussões entre jogadores e entre estes e os juízes. Já as torcidas, que raramente brigam entre si, acabam participando de tensões envolvendo o juiz ou o time visitante ao saírem do estádio ou então fazendo pressão para que o jogo violento da primeira partida fosse devolvido dentro de campo, no jogo de volta. Devido à influência desses princípios de reciprocidade, os conflitos dentro de campo neste campeonato são muito mais mediados por regras comunitárias do que no futebol profissional.

Pimenta (2013) observou que, nas partidas que envolviam o time do interior cearense, em campo não existiam problemas que pudesse caracterizar um jogo violento. Não havia nenhuma falta violenta e nem reclamações exaltadas dos jogadores com o árbitro, porém a violência aparecia em forma de reclamações dos torcedores contra os juízes, com os tradicionais gritos de “juiz ladrão”, por exemplo.

Já Rigo *et al.* (2010) relataram que, nos campeonatos investigados, haviam xingamentos, ameaças e invasões de campo, mas que os árbitros desenvolvem artimanhas e estratégias para enfrenta-los. Apesar de o regimento prever penalidades por invasão, quase sempre há um caso registrado. Observaram que apesar das ameaças e das provocações verbais serem constantes dentro de campo e nos arredores, não presenciaram nenhuma agressão física. Presenciaram ameaças e algumas tentativas de agressões, direcionadas à arbitragem, mas estas sempre foram contidas antes de acontecerem.

Schifnagel, em seu estudo publicado em 1978, relatou sobre as questões que envolvem violência quando se está jogando no campo do adversário. Observou que o comportamento (violento ou não) de um time está diretamente ligado ao campo em que se disputa a partida, relatou que acontece de um time se recusar a jogar no campo de outro, por ‘desvantagens psicológicas’, medo da torcida adversária, etc. Conta a passagem de quando um jogador foi esfaqueado em campo, vale ressaltar que o jogo era na ‘casa’ do time que causou a violência, e a partir deste dia, o time que teve seu jogador machucado se recusa a jogar com o time adversário, que ficou conhecido como o ‘terror da várzea’. Em outra passagem sobre outro jogo no mesmo campo, o juiz tentou expulsar um dos jogadores do time da casa, mas sua tentativa foi fracassada, pois o time o cercou e o obrigou a voltar atrás, após isso juiz

retirou o apito e abandonou a arbitragem, mas o time o cercou e mandou continuar apitando, e ainda o ameaçaram dizendo que a arbitragem seria como eles queriam, enquanto alguns jogadores tentavam enforcá-lo com o cordão do apito. A autora fala também sobre os símbolos da violência, contando uma passagem sobre um jogo que teve que ser protegido pela polícia, por envolver dois times de grande rivalidade e também por um deles ser considerado muito violento, porém, naquele dia, esse time entrou em campo oferecendo flores ao adversário, e os policiais foram embora em seguida. A autora se pergunta se este time aceitou a 'paz social' imposta pelos organizadores e conclui que apesar das flores, a violência continuava grande.

Spaggiari (2008) referiu que existiu um caso mais grave de conflito envolvendo o futebol na comunidade que pesquisou. Foi quando um dos jogadores, irritado com o desenrolar da partida, sacou a arma que carregava junto ao corpo e deu um tiro para o alto, assustando jogadores e torcedores. Esse acontecido resultou em algumas perdas para o time e para a comunidade, as equipes de outros bairros ou de cidades próximas não marcaram partidas contra aquela equipe, receosos do que pudesse acontecer. O próprio time também ficou receoso, com medo de vingança por parte dos outros times.

Stigger (1997), ao estudar os grupos de veteranos em Porto Alegre, constatou que um dos grupos tinha regras próprias para punição da violência. A autoridade de quem está arbitrando é bastante preservada, sendo falta grave no grupo contestá-lo de forma desrespeitosa. Há também sanções por jogo violento ou comportamentos considerados inadequados, que são aplicadas tanto durante as partidas, quanto por períodos de participação no grupo, como suspensões de 15 dias, por exemplo.

Portanto, pudemos compreender que a violência no futebol de várzea tem mais de uma forma de manifestação. Esta se apresenta no modo de jogar em campo, que pode ser de forma mais dura e agressiva, porém, neste caso mostrou-se existir diferentes configurações de jogo, entre as quais figuram uma onde o jogo mais agressivo é aceito sem maiores preocupações e outra onde é necessário jogar com menos impetuosidade, pois nesta configuração o tipo de jogo mais violento pode resultar em penalidades. Essa característica mostrou se manifestar também em forma de agressões e xingamentos direcionados ao árbitro da partida, sendo que esses podem vir tanto da torcida como dos próprios jogadores.

Foi observado também que existem relações de reciprocidade nesses espaços, onde a violência figura como um dos aspectos que utilizam essa lógica, ou seja, se um jogo violento ocorreu, este tem que ser devolvido à altura. Há também circuitos de lazer que se mostraram mais intolerantes quanto ao tema, tendo sanções mais rigorosas e mostrando extremo respeito ao árbitro. Existem também as relações de violência relacionadas ao fato de estar jogando em campo próprio ou nos campos do adversário, foi constatado que jogar no campo do adversário trás desvantagens psicológicas, dando liberdade ao dono da 'casa' de ser mais violento, principalmente em times que já são taxados por essa característica.

Por fim, pudemos analisar que nestes espaços de lazer, a violência toma um caráter particular, onde a interpretação deste tema é feita de forma diferente do que em locais que não fazem parte da várzea, ou seja, naqueles espaços algumas atitudes tidas como violentas em outros locais, podem ter permissão para acontecer e até mesmo figurarem como situações normais de jogo.

3.4 Gênero

Aqui destacarei os trabalhos que falaram sobre as questões de gênero no futebol de várzea. Discorrerei sobre as diferentes formas de inserção das mulheres nesses locais, importância deste lazer para o público feminino, entre outros temas que envolvem o público feminino frequentador desses espaços de lazer. Os trabalhos que abordaram esta questão foram Chiquetto (2014), Pimenta (2013), Rigo *et al.* (2010), Santos (2006), Spaggiari (2008) e Myskiw e Stigger (2014).

Chiquetto (2014) relatou que os moradores da comunidade indígena tinham dois times formados, um masculino e outro feminino. As mulheres jogavam tanto futebol quanto os homens, disputavam amistosos com outras comunidades próximas e também participavam do peladão indígena, possuindo uma categoria própria, inclusive tendo sido o time campeão, no ano anterior ao pesquisado, do peladão indígena feminino. O autor afirmou que o futebol tinha a mesma importância para mulheres e homens, para jogar futebol, em média 4 vezes por semana, iam até um outro bairro no qual jogavam com outras mulheres não indígenas. Este campo utilizado pelas mulheres contava com um *playground* no qual as crianças brincavam

enquanto suas mães jogavam bola. Deste modo pudemos ver que a participação das mulheres no futebol de várzea daquele local é intensa.

Pimenta (2013) verificou que na comunidade do interior do sertão, a importância do futebol para as mulheres tinha outro sentido. O futebol era um momento dos raros nos quais as mulheres saíam da comunidade, mesmo que para lugares próximos, como a sede do distrito. O momento de ir jogar fora era um acontecimento especial, as partidas de futebol tornam-se um momento de encontro e reencontro, principalmente quando ocorre em lugares mais distantes, pois diante da falta de transporte coletivo e particular, torna-se difícil visitar parentes que moram em localidades mais distantes, principalmente para as mulheres que nitidamente são destinadas ao espaço privado. Pudemos notar que, nas localidades abrangidas neste trabalho, as idas aos jogos são de grande valia para a sociabilidade daquelas pessoas.

Rigo *et al.*, em seu trabalho publicado em 2010, notaram que havia a presença feminina ao redor dos campos, nas torcidas organizadas, nas diretorias de alguns clubes e participando de alguns jogos festivos de futebol feminino. Os autores constataram que, apesar de tímida, a presença feminina indica que aos poucos o futebol de várzea está deixando de ser uma área reservadamente masculina. O estudo expõe que a várzea tem caráter de ser um espaço de homens, principalmente quando se fala nos jogos deste campeonato, onde não há categoria feminina. Porém afirma que o público feminino se faz presente na várzea de outras maneiras, mesmo que timidamente.

Santos (2006), por sua vez, constatou que antigamente os campos de várzea eram um território do público masculino e também que eram direcionados basicamente para o público adulto e apenas para a prática do futebol, mostrando o quão restritos eram esses lugares. Porém percebeu também que esses espaços lazer se modificaram e se adaptaram com o tempo, havendo, na atualidade, espaços esportivos direcionados para o público feminino e possibilitando uma variedade de modalidades esportivas que atendem uma maior diversidade de interesses. Este estudo relatou um aumento da participação feminina na utilização de esporte como forma de lazer de modo geral, porém não necessariamente, há um aumento da participação destas no futebol de várzea.

Em seu estudo de 2008, Spaggiari conta que, quanto aos espectadores das partidas, as mulheres assistiam aos jogos em um local diferente dos homens, elas as assistiam em um tronco comprido na lateral do campo, que era especialmente ocupado pelas mulheres e também por crianças de idade pré-escolar, enquanto os homens assistiam ao jogo atrás de uma das traves do campo. Sobre a prática do futebol feminino no bairro, alguns jogadores relataram que algumas dificuldades que ocorreram no futebol daquele local provocaram resultados negativos na prática das mulheres. Alguns interlocutores contam que o time feminino havia se consolidado no bairro, disputando inúmeras partidas contra equipes de outras cidades e atraindo a atenção dos moradores, em princípio essas partidas eram disputadas em horários e dias diferentes dos jogos masculinos, porém quando houve um desentendimento entre os organizadores do futebol, um deles passou a agendar os jogos dos homens no mesmo horário das partidas de futebol feminino. Outra versão sobre o desaparecimento do time feminino diz que deixou de ser praticado devido ao reduzido número de jogadoras que, com o passar do tempo, teriam casado, mudado de cidade e abandonado a prática.

Quanto à inserção das mulheres na várzea, Myskiw e Stigger (2014), discorreram sobre o assunto através de retratos etnográficos de alguns casos específicos, entre eles duas mulheres com posições muito diferentes no ambiente varzeano. Os autores referem que a maioria das mulheres ia para os campos com suas conhecidas, formando grupos de conversas, enquanto assistiam às partidas que ocorriam, olhavam os seus filhos brincando e cuidavam das roupas e calçados deixados pelos homens que estavam jogando. Uma dessas mulheres era mulher do dono de um time, muitas vezes ajudava o marido tomando conta da copa de um campo, a qual era dono. Quando ia para o entorno dos campos, tinha um comportamento bastante comedido e posicionava mais distante do campo, conversando com amigas, não se envolvia nos xingamentos, ameaças, 'palavrões', insultos às pessoas que estavam em campo, tampouco se arriscava orientações táticas, técnicas ou avaliações das decisões dos árbitros, mostrava claramente que sua maior motivação para estar lá era pela sociabilidade. Em contraposição, na outra mulher foram percebidas atitudes e motivações diferentes da primeira, ela se posicionava a beira do campo, não apenas torcia, mas era bastante envolvida com a partida, não perdia um lance e tinha conhecimento tático e técnico, atuando também

na orientação dos jogadores e na motivação destes. Esta era tratada como alguém que fazia parte do time, claramente estava ali por causa do futebol e não por fazer companhia ao marido ou para conversar com outras pessoas. Seu comportamento se destacava por ser muito semelhante ao dos homens, tinha propriedade para discutir futebol com os homens no mesmo nível, porém vale ressaltar que esta não era a única mulher na beira dos campos, absorvida pelo jogo e participando nas discussões. Segundo os autores, na ótica dos homens da várzea o primeiro exemplo citado ocupava um lugar que era o mais adequado ao público feminino, estes demonstravam, através de comentários, o lugar inadequado que a segunda mulher ocupava naquele ambiente.

Mediante o exposto, podemos afirmar que o ambiente varzeano é fortemente marcado pela questão e pela distinção de gêneros, onde alguns homens demonstram ter uma compreensão preconceituosa quanto às atitudes femininas. Apenas um autor relatou a presença de uma competição voltada para as mulheres, enquanto outro citou a existência de um time feminino na comunidade estudada e apresentou os possíveis motivos para o desaparecimento deste time. Nota-se que a presença feminina nos campos da várzea é motivada por fatores como fazer companhia para seus maridos e familiares ou para assistir-los jogar; também para conversar com outras pessoas e conviver em grupo, porém também é necessário destacar que existem aquelas mulheres que vão a campo interessadas no futebol em si. Enfim, pudemos relatar que a presença das mulheres nesses espaços de lazer tem um forte caráter de sociabilidade.

3.5 Lazer e Sociabilidade

Nesta parte disserto acerca dos aspectos sobre lazer e sociabilidade que se apresentaram nos trabalhos estudados. Esses trabalhos mencionaram sobre a constituição de redes de sociabilidade na várzea, questões sobre lazer, como a constituição desses circuitos de lazer, os aspectos comunitários desta prática, as relações de reciprocidade, entre outros temas. Os artigos que citaram aspectos nesses sentidos foram Chiquetto (2014), Magnani e Morgado (1996); Myskiw (2015), Pimenta (2013), Rigo *et al.* (2010), Spaggiari (2008) e Stigger (1997).

Chiquetto (2014) relatou que os visitantes da comunidade indígena são imediatamente convidados para jogar bola com seus anfitriões e, da mesma forma, ao visitar seus parentes, esses indígenas são convidados para partidas de futebol. Os indígenas utilizam o futebol como meio de sociabilidade entre eles e também para sociabilizar com o 'outro', sejam estas pessoas caracterizadas como 'homens brancos', sejam pesquisadores ou outros habitantes da cidade. Através do futebol, os integrantes dessa comunidade indígena, circulam pela metrópole e para além dela, configurando um padrão de movimentação que se dá devido a essa prática de lazer. Pode-se afirmar que os indígenas jogam bola para encontrarem os amigos e os parentes, elaborando o seu próprio circuito, mas também como um meio de inserção nos circuitos desse outro, e vice-versa.

Chiquetto (2014) também afirma que o Peladão Indígena era um evento fundamental para que todos ali atualizassem sua situação social frente aos outros: através da formação dos times eram reafirmadas as relações de amizade e afinidade; por meio da venda de produtos, colocava-se em circulação objetos de troca; as lideranças se encontravam e refaziam ou desfaziam alianças. Além disso, o autor descreve as lógicas de inserção de homens brancos nas equipes indígenas. Explica que os indígenas têm parâmetros muito próprios para constituição dos seus times, pois se constituem por meio dos parentescos que se formam na comunidade. Circulando pela cidade, esses sujeitos constroem amizades e alianças, agregando assim novas pessoas à sua rede de parentesco, assim estes agregados começam a fazer parte de seus times, mesmo que não tenham, inicialmente, características indígenas. O autor afirma que inserindo estes jogadores brancos em suas equipes, por meio de lógicas específicas que norteiam laços de amizade e de parentesco, os indígenas utilizam-se do futebol enquanto uma prática agregadora.

Magnani e Morgado (1996) tratam sobre a prática do futebol de várzea em um parque situado na cidade de São Paulo. Afirmam que há uma circulação de pessoas, que estas não provêm apenas dos arredores do parque, e sim que circulam pela cidade para 'jogar bola'; colocam também que há uma gama de classes ou grupos sociais que o frequentam, visto que esses frequentadores exercem as mais diversas profissões, bem como há uma diversidade de faixas etárias. Os autores colocam que essa modalidade congrega a todos, é sem dúvida

popular, pela sua origem, pelas suas regras de funcionamento e pelo tipo de sociabilidade que emprega. Ainda, discorrem sobre a lógica do pedaço, afirmando que esta não se dá de modo convencional, pois organiza a sociabilidade no contexto do bairro e da vizinhança, sendo assim, aquele espaço é frequentado por gente de vários pedaços, que convivem entre si a partir de códigos comuns que lá se estabelecem.

Myskiw (2015) apresenta as lógicas de constituição dos times em um circuito de lazer na cidade de Porto Alegre. Ao analisar essas lógicas o autor percebe que os jogadores circulam, mudam de categorias, de 'quadros' ou de 'times' com bastante frequência; alguns times fazem parcerias com outros, mesclam equipes, desaparecem e reaparecem. Analisando as tradições que orientam a circulação e o pertencimento nesses times, o autor refere que a maioria dos membros dos times era formada por vizinhos, familiares, colegas de trabalho, conterrâneos, amigos de infância, etc. O autor compreendeu que existem grupos que lá se materializam e que cada um desses mostra um padrão de comportamento que define o seu lugar no ambiente varzeano, por exemplo, enquanto um grupo tinha certa liberdade de circulação entre os times, campos e campeonatos em vista de procurar oportunidades de lazer; outro mostrava ter forte vínculo de solidariedade e responsabilidade com o time, podendo assim, misturar as relações pessoais ou de trabalho com as relações do futebol; outro grupo ainda se mostrou responsável por um conjunto de deveres, os quais mantinham o funcionamento dos times e também determinavam a identificação desses times no circuito; enquanto, um último grupo se mostrava mais habilidoso no quesito futebolístico, esses faziam diferença no rendimento do time e nas questões mais voltadas para o futebol do que nas comunitárias. Indicando assim, que quem circulava pela várzea, além de aprender a reconhecer os jogadores pelas suas habilidades no futebol, aprendia simultaneamente a reconhecê-los devido a seus parentescos, suas relações de trabalho, local de moradia, etc. Podendo concluir que a constituição dos times dava importância às habilidades do futebol, mas também se dava por outros motivos, os quais se sobrepunham uns aos outros.

Pimenta (2013) cita que as partidas de futebol movimentam toda aquela comunidade do sertão Cearense, sendo uma oportunidade de lazer para famílias e

para os demais moradores do local. Essa movimentação ocorre tanto nos jogos de ida quanto nos jogos de volta, porém os jogos fora de 'casa' tem especial importância. Os jogadores do time, com suas esposas e filhos, embarcam em um pau-de-arara e se locomovem até o local da partida. Esse evento se torna um acontecimento importante principalmente para as mulheres, que pouco saem de comunidade, mesmo que para lugares próximos, nessas partidas ocorrem encontros e reencontros com familiares que moram em localidades mais distantes, fortalecendo assim os laços entre essas pessoas. Essas partidas de futebol tornam-se um grande encontro festivo, mas acrescenta-se, que no meio rural, este é um dos poucos momentos onde os moradores podem deslocar-se apenas para uma atividade de lazer.

Essa mesma autora também ressalta a importância das confraternizações após os jogos. Diz que quando o jogo é em 'casa', o encontro dos jogadores e de alguns torcedores após as partidas normalmente ocorre nos bares das localidades, onde os mesmos tomam refrigerantes e cachaça. A conversa, recheada de brincadeiras, gira em torno da partida: sobre as jogadas, as reclamações contra os juízes, os gols, as falhas, etc. Porém, diferentemente do que ocorre no meio urbano, os encontros não demoram muito. Quando o jogo é fora de casa, o encontro é ainda mais breve, pois o pau-de-arara é alugado por um determinado tempo, não podendo haver atraso. Nesse caso, o caminhão substitui o bar, pois o consumo de bebidas e as brincadeiras continuam durante o percurso de volta pra casa. A autora reitera que a confraternização após cada jogo é tão esperada quanto à própria partida, pois esse encontro reforça os laços entre jogadores; dos jogadores com os torcedores e, principalmente, encerra as discussões ocorridas durante as partidas, os xingamentos se transformam em piadas, afinal as brigas são tidas como "coisa de jogo", e a confraternização é um dos momentos onde se restabelecem as relações de amizade. Assim, esse "terceiro tempo" fortalece as relações interpessoais, a solidariedade e a amizade, entre jogadores, torcedores e diretores.

Ao estudarem dois campeonatos distintos na cidade de Pelotas, Rigo *et al.*, (2010) evidenciam a participação das torcidas no futebol de várzea. Referem que num desses campeonatos as torcidas comparecem a campo de acordo com os times envolvidos nas partidas, visando torcer pelo time da sua comunidade,

consequentemente os clubes de maior torcida são aqueles que possuem maior vínculo com a comunidade a qual pertencem. Quando o jogo é no bairro do clube ou próximo a ele, os torcedores vão por conta própria, mas, se ele for mais distante, os clubes organizam pequenas excursões até o local.

Os mesmo autores citam que a motivação dos expectadores para ir a campo é variada, pois há um grande número de pessoas que participam dos jogos com outros interesses. Eles identificaram que muitas pessoas estavam em torno do campo, mas ficavam pouco atentas ao jogo, para essas pessoas, os jogos de finais de semana eram, prioritariamente, espaços de sociabilidade, momentos para encontrar a turma, conversar, paquerar, fazer novas amizades e se divertir. Os autores observaram que muitos expectadores levam para os arredores do campo, cadeiras, lanches, bebidas e o tradicional chimarrão. Evidenciam ainda, que essa possibilidade de os campos de futebol de várzea funcionarem como espaço para o lazer e a sociabilidade, apesar de ser mais evidente em um desses campeonatos, ocorre nas duas competições estudadas unindo assim, jogadores, torcedores e outros.

Spaggiari, em seu trabalho de 2008, versa sobre as questões de sociabilidade que envolvem o futebol de várzea em um bairro rural do interior de São Paulo. Afirma que nas partidas amistosas entre bairros há a construção e a alimentação das redes de sociabilidade, oferecendo oportunidades de criar ou reforçar laços de amizade e aliança. Há uma lógica de reciprocidade que envolve as ações de receber a equipe de outro bairro ou de visitar o campo do adversário, implicando assim, regras e deveres aos participantes deste circuito de lazer. Como exemplo podemos citar a obrigatoriedade de haver jogos de 'ida' e de 'volta' neste circuito, pois a ida ao campo do adversário gera despesas ao time visitante, essas devendo ser retribuídas no jogo de 'volta'. Para além da questão financeira, o fato de existir essa reciprocidade durante as duas partidas é um dos fatores que mantém o circuito vivo, pois é através delas que esses times têm a chance de praticar o esporte. Essa manutenção das chances de jogar futebol contra um adversário garante a continuidade das relações de troca com um bairro vizinho, fortalecendo os laços de amizade. Portanto, nesse local, o futebol surge como fator estratégico na construção de articulações e reforço de vínculos entre os diversos bairros da região.

Spaggiari (2008) também disserta sobre a forma como se dão as relações externas ao jogo de futebol na comunidade estudada, sendo essas em confraternizações pós-jogo ou em outros momentos. Cita que os moradores do local não têm por hábito confraternizarem em bares ou afins com os adversários, refere que esse tipo de confraternização ocorre raramente, pois esses moradores preferem voltar para casa após os jogos e descansar para a semana de trabalho. Refere também sobre uma passagem onde um dos moradores recepcionou o time adversário com um almoço em sua casa antes da partida, visando o fortalecimento de laços entre os bairros.

Stigger (1997) dissertou sobre o futebol de várzea como atividade de lazer de grupos de veteranos na cidade de Porto Alegre. O autor cita as atividades pré e pós-jogo como fator importante para esses grupos, pois lá reafirmam seus laços de sociabilidade, tanto dentro dos times, quanto na interação com os times adversários. Reitera ainda que a participação nas confraternizações e a permanência até o final delas se mostraram importantes para a efetivação desses sujeitos como membros dos grupos, e não meras pessoas que vão até lá apenas para jogar futebol. O autor ainda afirma que naquele ambiente além da necessidade de saber jogar bem futebol, tanto gozar como ser gozado são formas de relacionamento e de aceitação no grupo, contudo, apesar do tom de gozação, ao que parece há também, muita seriedade naquele contexto. Como exemplo o autor expõe que antes dos jogos existem conversas em tom jocoso com os adversários, tornando-os parte de um mesmo grupo, no entanto, após isso, no vestiário, a conversa toma um tom de seriedade, visando os resultados do jogo. Segundo o autor, ao que parece, esses homens estão unidos por laços de sociabilidade como uma forma autônoma ou lúdica de associação, onde algumas diferenças sociais são reelaboradas. Por fim, o autor sugere que a sociabilidade aparece como um dos fatores motivacionais para a prática do futebol de lazer nesses grupos, onde o encontro com o grupo tem suma importância, tanto quanto a prática do futebol em si.

Mediante o exposto, é visível que as relações de sociabilidade tem grande relevância nos circuitos de lazer que envolvem a prática do futebol de várzea. Essas redes de sociabilidade aparecem internamente dentro de grupos ou times. Também se apresentam nas relações com os adversários, onde ocorre o fortalecimento de

alianças, através de relações de reciprocidade, amizade, parentescos, entre outras. Na relação dos expectadores e torcidas para com circuito, o aspecto da sociabilidade apresenta-se, principalmente, como fator motivacional para participação nestes circuitos. Também se mostrou importante para estabelecer laços entre diferentes comunidades ou diferentes culturas, por exemplo, na relação dos indígenas com o meio urbano e com as pessoas que lá habitam. No contexto do futebol de várzea, a sociabilidade se dá de formas distintas nos diferentes cenários em que ocorre, no entanto é possível afirmar que nestes 'circuitos de lazer varzeanos' esta questão é de suma importância, pois acarreta na convivência interpessoal e no gerenciamento das diversidades, o que acaba por trazer aprendizados aos frequentadores destes circuitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo de trabalhos acadêmicos foi possível constatar que existem alguns temas abordados mais frequentemente, ou que são estudados de forma mais minuciosa na produção científica sobre o futebol de várzea. Neste estudo foi possível destacar e analisar estes pontos, com o intuito de compreendê-los. Entre as questões expostas estão identidade, organização, violência, gênero e sociabilidade. Outros temas ainda surgiram, como por exemplo, parâmetros históricos sobre o futebol de várzea, a questão das lutas pela conquista dos espaços de lazer, contudo estes não foram detalhados neste estudo, pois foram pontuados em alguns trabalhos específicos, ou seja, não tiveram uniformidade na produção científica verificada.

As questões de identidade relacionadas ao futebol de várzea mostraram ter bastante destaque nas publicações, porém se manifestaram de diferentes formas nos diversos estudos. É possível notar um maior destaque para a identidade cultural, pois está presente na constituição desses circuitos de lazer e no desenvolvimento de seus participantes, trazendo especificidades a cada um deles. Nesses circuitos, as questões comunitárias se mostraram muito presentes, surgindo no mesmo patamar que os temas do universo esportivo, estabelecendo assim uma identidade própria da várzea. Analisando esta categoria, é possível notar uma forte ligação entre o futebol de várzea, nos moldes expostos nos estudos, e a matriz comunitária, denominada por Damo (2007). Este se dá, principalmente devido às relações comunitárias e do cotidiano dessas pessoas que tem forte vínculo também dentro dos campos e nas arquibancadas.

Da mesma forma, foi possível perceber que há uma diversidade organizacional no futebol de várzea, tanto quando falamos de campeonatos e ligas, quanto às organizações internas de times, equipes e até mesmo em grupos que se reúnem regularmente para praticá-lo. Entre a multiplicidade de fatores organizacionais que surgiram, vale ressaltar a divisão em categorias que ocorre, onde se verifica separações por idades (veteranos, juvenil, infante-juvenil e mirim), por gênero (masculino e feminino) e também uma subdivisão em algumas categorias, acontece comumente de uma categoria ser subdividida em 1º e 2º

quadro ou em time A e time B. Esta divisão em 1º e 2º quadro é um dos fatores que aproxima o futebol de várzea à matriz espetacularizada. Outros fatores que ilustram a aproximação do futebol de várzea ao molde espetacularizado são as dimensões do campo, as regras, o número de jogadores em campo, o uso equipamentos esportivos e o tipo de arbitragem, pois, em alguns dos trabalhos estudados, figuraram sendo iguais aos do futebol profissional. Por outro lado, apareceram também campeonatos e times mais voltados para o futebol em sua matriz bricolada, pois estes adaptavam muitos aspectos do jogo, entre os quais, as regras, as dimensões do campo, etc.

Constatou-se que existem campeonatos e times com organização mais voltada para os moldes do futebol espetacularizado, há também outras que se direcionam mais para lado da bricolagem, além de configurações que se encaixam perfeitamente na matriz comunitária, proposta por Damo (2007). A partir daí, pode-se afirmar que, apesar de o futebol de várzea ter uma liberdade de perpassar por outras matrizes futebolísticas, este ainda se caracteriza melhor na matriz comunitária, pois os elementos que o qualificariam nas outras matrizes, acabam por não atingir um a grandeza da espetacularização ou o despojamento da bricolagem. Igualmente, devem-se levar em consideração os elementos da matriz comunitária, que sempre estão presentes e de forma muito ativa no futebol de várzea. Assim sendo, é possível reafirmar esta prática de futebol de lazer como intermediária entre as matrizes espetacularizada e a bricolada, em consonância com Damo (2007), quando explicita que esta modalidade esportiva se encaixa melhor na matriz comunitária.

Quanto às relações de violência nesta prática, estas se apresentam desde o modo de jogar em campo, que pode ser de forma mais dura e agressiva, até mesmo a xingamentos ao árbitro, por parte da torcida e dos jogadores ou em invasões a campo. Quanto à forma de jogar, revelou-se a existência de diferentes configurações de jogo, algumas onde a violência pode ser mais bem aceita e outras onde pode haver mais rigidez na tolerância a este tema. As relações de reciprocidade na várzea figuram em vários aspectos e a violência é um deles, ou seja, se um jogo violento ocorreu, este tem que ser devolvido à altura numa próxima ocasião. Foi percebido que a violência adquire caráter próprio no ambiente varzeano, pois é muito

influenciada pelas relações comunitárias, como nos ajustes que podem ser feitos para o jogo se desenrolar de forma mais 'pegada' ou não. A pressão da torcida e o fator do jogo ser em 'casa', também tem grande controle sobre o modo como o jogo se dará, de forma mais violenta ou não, entretanto, é possível indicar que esses fatores também se fazem presentes em outras matrizes futebolísticas, porém parecem ter maior grau de importância na matriz comunitária.

Quanto às questões de gênero, pode-se afirmar que o ambiente varzeano é fortemente marcado pela distinção de gêneros, onde alguns homens demonstram discriminação quanto às atitudes das mulheres. Figurou também o fato de que são poucas as competições que oportunizam essa prática de lazer para o público feminino, porém foi notada a presença feminina nos campos da várzea como expectadoras nas competições masculinas. As principais motivações dessas expectadoras da várzea são fazer companhia para seus maridos e familiares ou para assisti-los jogar, também existem aquelas que vão a campo realmente interessadas no futebol, que têm conhecimento sobre o esporte e se preocupam com o desempenho técnico dos times. No entanto, a maior motivação para elas estarem nessas competições se revelou ser pela convivência em grupo, dessa forma, estas mulheres da várzea, em sua maioria, vão até lá pela sociabilidade que este circuito as proporciona.

O fator da sociabilidade mostrou ter grande relevância nos circuitos de lazer que envolvem a prática do futebol de várzea. Essas redes de sociabilidade aparecem internamente dentro de grupos ou times, nas relações com os adversários e na relação dos expectadores e torcidas para com o circuito, onde se apresenta como fator motivacional para participação nestes circuitos. Nesse contexto, é possível afirmar que a sociabilidade é questão de suma importância nos campos de várzea, pois esta acarreta o fortalecimento de alianças, de relações de amizade, de parentesco e até mesmo de trabalho. Estes circuitos de lazer levam em consideração os aspectos da sociedade e as práticas cotidianas dos seus frequentadores, mesclando estes com as questões do universo futebolístico para construção desses 'circuitos de lazer varzeanos'.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou investigar o futebol de várzea e compreender suas principais características, suscitando questionamentos

relacionados às matrizes futebolísticas propostas por Damo (2007). De modo geral, a várzea figurou como intermediária entre a matriz espetacularizada e a bricolada, entretanto, ao analisa-la de forma mais interna, mostrou existirem circunstâncias nas quais este futebol se volta para a espetacularização e também outras em que dá maior ênfase para os elementos da bricolagem. É necessário salientar que esses componentes de espetacularização surgem de forma minimizada em relação aos padrões do futebol profissional, institucionalizado pela FIFA, da mesma forma se apresentam os elementos de bricolagem, os quais não atingem um grau que possa situar a várzea junto ao modelo bricolado. Assim sendo, devido à diversidade de configurações existentes na várzea, esta mostrou que deve ser estudada mais profundamente, principalmente em relação às matrizes futebolísticas, pois esta se revelou, em alguns casos, flutuante entre algumas dessas matrizes.

REFERÊNCIAS

- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. Entre índios e boleiros no Peladão Indígena. **Ponto Urbe**, [S.l.], n. 14, ago. 2014.
- DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.129-156, maio/ago. 2003.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à Profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.
- GIL, Antonio Calos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. **Geographia**, v. 4, n. 8, p.84-92, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; MORGADO, Naira. Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 24, p.175-184, 1996.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MYSKIW, Mauro. As 'tradições varzeanas' nos 'times de camisa': Notas etnográficas sobre a circulação de jogadores num circuito de lazer da cidade de Porto Alegre. **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p.158-196, set. 2015.
- MYSKIW, Mauro; NETO, Flávio Py Mariante; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as violências no esporte de lazer: Notas etnográficas sobre o 'guri' e o 'nego véio da várzea'. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 889-902, out./dez. de 2015.
- MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. Lazer e identidades: Retratos etnográficos num circuito de futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte1, v. 1, n. 1, p.68-84, jan./abr. 2014.
- MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. O futebol "de várzea" é "uma várzea"!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445-469, abr./jun. de 2014.
- OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. **Espaço Plural**, ano XIV, n. 29, p.114-139, jul./dez. 2013.
- PIMENTA, Rosangela Duarte. O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural. **Espaço Plural**, Ano XIV, n. 29, p.90-113, 2º semestre. 2013.
- RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p.155-179, julho/setembro de 2010.

SANTOS, Edmilson S. dos. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.101-113, jan./jun. 2006.

SCHIFNAGEL, Betty. Caracterização do futebol de várzea como atividade popular de lazer. **Revista do Centro de Estudos Rurais e Urbanos**. São Paulo, Nº. 12, p. 110-133, 1979.

SPAGGIARI, Enrico. Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p.165-190, jul./dez. 2008.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, Ano IV, n. 7, p. 52-66, Jul./Dez. 1997.